



CONGRESO INTERNACIONAL

CONTESTED_CITIES

EJE 5

Article nº 5-524

**GRUPO DE PESQUISA INDISCIPLINAR:
MÉTODO, ATIVISMO E TECNOPOLÍTICA NA DEFESA
DOS BENS COMUNS URBANOS**

**NATACHA RENA
ANA ISABEL DE SÁ
MARCELA SILVIANO BRANDÃO
JÚLIA FRANZONI**

GRUPO DE PESQUISA INDISCIPLINAR:**Método, ativismo e tecnopolítica na defesa dos bens comuns urbanos**

Natacha Rena

Professora Dra. na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

natacharena@gmail.com

Ana Isabel de Sá

Professora no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

isabelanastasia@gmail.com

Marcela Silviano Brandão

Professora Dra. na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

marcelasbl.arq@gmail.com

Julia Ávila Franzoni

Doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

juliafranzoni@gmail.com

ABSTRACT

Em tempos de forte ataque do Estado-capital neoliberal aos bens comuns presentes nos territórios metropolitanos, faz-se necessário o reposicionamento dos modos de pesquisar nas universidades, tendo em vista a insuficiência das ações que se limitam à observação e à análise dos fatos, mantendo, com isso, uma distância confortável entre a academia e a vida que emerge das cidades. Apostamos na potência da transformação do pesquisador em ator na complexa rede que se articula em defesa dos comuns urbanos. Tal mudança de posição dialoga com os conceitos desenvolvidos por Latour (2005), na teoria ator-rede (TAR) e com as noções de cartografia propostas por Deleuze e Guattari (1996), assim como com a posição política de Antonio Negri e Michael Hardt (2009).

Tem-se observado a importância crescente da presença da universidade nas disputas territoriais no Brasil, conseqüentes dos grandes projetos urbanos que ativam políticas urbanas segregatórias, removendo comunidades inteiras, grupos culturais, áreas verdes, destruindo patrimônios e paisagens, para implementar intervenções gentrificadoras. Acreditamos que grupos de pesquisadores devem investigar profundamente as grandes escalas desses projetos, contextualizando melhor as disputas urbanas e inserindo campos de informação que em geral não se fazem presentes.

Propõe-se, portanto, apresentar uma cartografia das principais ações do grupo Indisciplinar nos últimos quatro anos, no intuito de apontar as principais contribuições e limitações de seu processo de trabalho, de maneira a permitir tanto seu aprimoramento em projetos futuros do Indisciplinar, quanto a apropriação e a adaptação do método proposto por outros grupos e pesquisadores interessados em atuar em situações similares.

PALABRAS CLAVE: Indisciplinar; Cartografia; Urbanismo Neoliberal; Método Cartográfico

1. INTRODUÇÃO

Em tempos de forte ataque do Estado-capital neoliberal aos bens comuns presentes nos territórios metropolitanos, faz-se necessário o reposicionamento dos modos pesquisar nas universidades, tendo em vista a insuficiência das ações que se limitam à observação e à análise dos fatos, mantendo, com isso, uma distância confortável entre a academia e a vida que emerge das cidades. Apostamos na potência da transformação do pesquisador em ator na complexa rede que se articula em defesa dos comuns urbanos. Tal mudança de posição dialoga com os conceitos desenvolvidos por Latour (2005), na teoria ator-rede (TAR) e com as noções de cartografia propostas por Deleuze e Guattari (1996), assim como com a posição política de Antonio Negri e Michael Hardt (2009).

Tem-se observado a importância crescente da presença da universidade nas disputas territoriais no Brasil, conseqüentes dos grandes projetos urbanos que ativam políticas urbanas segregatórias, removendo comunidades inteiras, grupos culturais, áreas verdes, destruindo patrimônios e paisagens, para implementar intervenções gentrificadoras. O que importa, geralmente, nesses processos, é simplesmente a valorização imobiliária, como ocorre em parcerias público-privadas resultantes de Operações Urbanas, que transformam a terra urbana em títulos negociados nas bolsas de valores. Arquitetos e urbanistas, pesquisadores das universidades, podem e devem ter uma atuação direta nesses conflitos, já que, em muitos casos, são ativados processos de resistências de âmbito estritamente local, que disputam com o Estado-capital em posição de desvantagem, visto que não conseguem compreender as dinâmicas regionais ou macrorregionais nas quais estão envolvidos. Por este motivo, é interessante que grupos de pesquisadores investiguem profundamente as grandes escalas destes projetos, contextualizando melhor as disputas urbanas e inserindo um campo de informação que em geral não se faz presente. Dito de outro modo, é muito importante a presença de grupos que atuem no ponto cego das lutas, entre as resistências locais e o poder público que detém as informações complexas, inseridas na macropolítica das questões urbanas, principalmente quando se trata de grandes projetos envolvendo parcerias público-privadas, nos quais os grandes investidores envolvidos – empreiteiras e bancos – agem de forma ilícita, tendo acesso privilegiado a informações sigilosas, antes mesmo desses projetos serem lançados abertamente aos cidadãos e ao mercado.

O grupo de investigação Indisciplinar da Universidade Federal de Minas Gerais, do qual fazemos parte, já possui dois ciclos de atuação neste sentido. O objeto do presente artigo é fazer uma análise das ações do grupo e de seu método de trabalho, desenvolvidos ao longo dos últimos quatro anos.

Um primeiro ciclo (2012, 2013, 2014) dedicou-se sobretudo à oposição a um grande projeto urbano viabilizado pelo instrumento urbanístico de Operação Urbana Consorciada – inicialmente denominado Nova BH – que configura, na verdade, uma extensa parceria público-privada. Tal projeto mobiliza vários grupos de resistência cultural presentes no centro da cidade, como Praia da Estação e Duelo de Mcs, dentre outros, uma vez que interfere diretamente no território em disputa onde tais movimentos atuam. A resistência à Operação Urbana ganha ainda mais força a partir da criação do movimento Fica Vila, associado a uma pequena favela presente no bairro tradicional Santa Tereza, área também inserida em um ponto crucial à Operação.

Ainda nesse primeiro ciclo, destaca-se a parceria entre o grupo Indisciplinar e o movimento Fica-Ficus, voltado a combater o extermínio de árvores centenárias em uma alameda

tombada pelo patrimônio histórico e cultural na região central de Belo Horizonte, dando início ao envolvimento do grupo com as lutas pela Natureza Urbana, vínculo que viria a se fortalecer em ações posteriores.

Um segundo ciclo (2015) envolveu a atuação do grupo de pesquisa em uma grande rede denominada Resiste Izidora, ocupação de terra que abriga cerca de 8000 famílias numa região de grande interesse do mercado imobiliário, em mais uma proposta de parceria público-privada, dessa vez viabilizada pelo instrumento de Operação Urbana Simplificada e contemplando o programa Minha Casa Minha Vida – política pública de habitação social predominante nos últimos anos no Brasil.

Ainda no ano de 2015, o grupo se envolveu mais profundamente em lutas ecológicas e ambientalistas – dando continuidade à trajetória iniciada com o Fica Ficus –, como no caso de uma chácara verde localizada em um contexto urbano consolidado, em disputa pelo mercado e por um grupo de moradores do bairro, que lutam por transformá-la em um parque público local de acesso e usufruto de todos: o Parque Jardim América. Este processo de trabalho em conjunto com grupos voltados à luta pela natureza levou o grupo a auxiliar na criação de uma rede ampla de luta pelo verde urbano – a Rede Verde –, coincidindo com um momento em que a prefeitura local propunha criar uma lei para permitir que 15% de todos os parques e praças da cidade fossem liberados para construções.

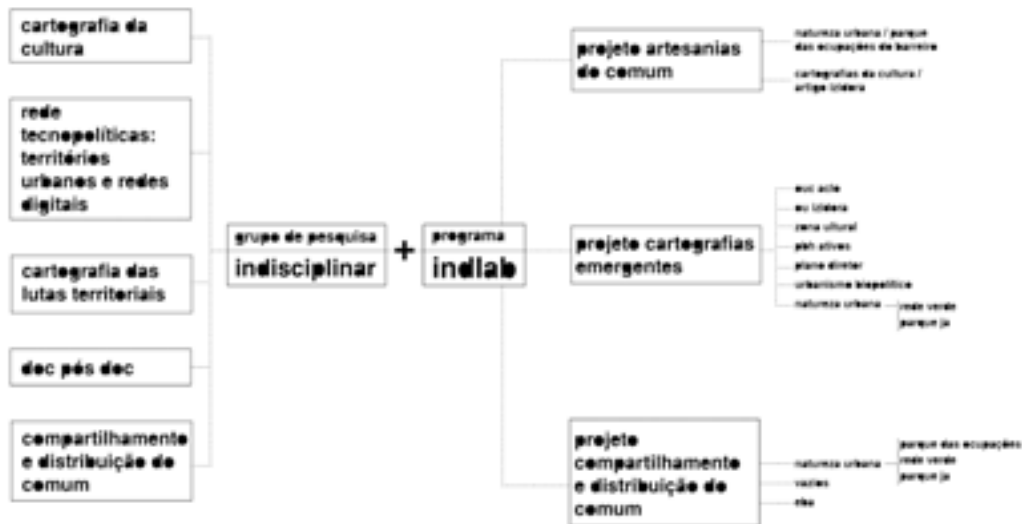
Uma avaliação recente dos projetos desenvolvidos até o final de 2015 apontou que um dos pontos mais importantes que perpassava as ações do Indisciplinar foi a construção de um modo próprio de pesquisa e ação. Esse método de trabalho explora de maneira tática uma série de dispositivos e ferramentas tecnopolíticas (TORET, 2015) disponíveis atualmente, para a produção de conhecimento de maneira coletiva e colaborativa, aliando o uso de tais mecanismos ao contato presencial e à atuação direta junto a grupos e comunidades.

De um modo geral, pode-se dizer que os projetos vêm sendo explorados a partir de quatro dimensões principais: I) Espacial/territorial: a) por meio da criação de mapas digitais colaborativos que reúnem ferramentas de georreferenciamento com a possibilidade de atuação em rede e em tempo real, utilizando softwares como Crowdmap, Googlemaps e Mapas de Vista; b) produzindo cartografias coletivas a partir de encontros presenciais, como oficinas e workshops; II) Temporal: por meio da produção de linhas do tempo que analisam a evolução temporal dos fenômenos investigados e sua relação com eventos/acontecimentos paralelos da dinâmica urbana; III) Conceitual e informacional: utilizando páginas Wiki (ou seja, que possibilitam a produção colaborativa, processual e em rede do conhecimento) como forma de desenvolvimento dos marcos teóricos que norteiam nossas pesquisas, assim como meio de produção/armazenamento de bases de dados; IV) Comunicacional ou de criação de redes: a partir do uso tático das redes sociais e canais de comunicação de ampla utilização na internet, como fanpages e eventos em redes sociais, blogs, etc.

Propõe-se, portanto, apresentar uma cartografia das principais ações do grupo Indisciplinar nos últimos quatro anos, analisando-as a partir dos quatro eixos descritos acima, no intuito de apontar as principais contribuições e limitações do referido processo, de maneira a permitir tanto o seu aprimoramento em projetos futuros do Indisciplinar, quanto a apropriação e a adaptação do método proposto por outros grupos e pesquisadores interessados em atuar em situações similares.

2. MÉTODO INDISCIPLINAR, ESTRUTURA DO GRUPO E EIXOS DE DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS

Figura 1: Diagrama de estruturação atual do Grupo Indisciplinar



Fonte: Indisciplinar

O diagrama acima apresenta a estruturação do Grupo Indisciplinar, seus principais programas, projetos e frentes de ação. Pode-se dizer, contudo, que é o método cartográfico que orienta toda a produção do grupo, articulando-se a partir dos eixos e ferramentas a serem discutidos em seguida.

2.1 Cartografias indisciplinadas

Partimos do conceito de cartografia desenvolvido por Deleuze e Guattari (1996) em busca de um método de investigação que se distancie do cientificismo positivista e, ao mesmo tempo, nos permita atuar em rede com movimentos multitudinários que disputam os territórios urbanos em defesa dos espaços comuns. Nesse sentido, o método cartográfico híbrida sujeito investigador com atores advindos de movimentos sociais, coletivos artísticos e outros parceiros, evitando a separação entre sujeito que investiga e objeto investigado.

É possível imaginar a cartografia para além de ser um método de investigação que envolve uma experiência cotidiana, dissolvendo as relações entre micro e macropolítica, entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado, e existindo como um dispositivo que compõe as metodologias e as estratégias como maquinação e agenciamento de ações de copesquisa ativista. Um dispositivo é composto por linhas de subjetivação e é também um processo, uma produção de subjetividade. (RENA, SÁ, BRUZZI, QUINTÃO, 2015, p.14)

Ao funcionar como tática micropolítica atuante na produção de subjetividade, a cartografia configura um dispositivo biopotente, (PELBART, 2011) ou seja, resistência criativa e positiva que lança mão das mesmas características rizomáticas de conectividade em rede, fluidez e flexibilidade presentes no capitalismo cognitivo predominante na contemporaneidade.

A noção de cartografia relaciona-se intimamente às ideias de ação e de transformação constantes, concebendo o elemento cartografado como uma realidade processual, que se modifica e se constrói por meio da intervenção de quem o cartografa, ao mesmo tempo em que o cartógrafo é reciprocamente afetado e reconstruído. Trata-se de uma prática constituinte, que se aproxima do que Deleuze e Guattari entendem como mapa: (*op. cit.*, v. I, p. 22-30) não a representação de uma realidade externa, mas algo que é “aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (*Ibidem*, p.30) O mapa é o par oposto ao que os autores identificam como decalque, figurações estáticas que estabilizam, congelam, cessam as conexões e determinam hierarquias bem delimitadas.

Procuramos, portanto, atuar de maneira que contemple a performatividade dos processos de produção espacial compreendendo o social, como defende Latour (2005) na Teoria Ator Rede (TAR), não como realidade dada ou quadro contextual preestabelecido, mas como um conjunto dinâmico de associações mantidas pelos diversos atores em tela.

2.1.1 Eixo I – espacial / territorial

A partir do momento em que optamos por utilizar o método cartográfico (no sentido mais amplo do conceito, como apontado anteriormente) para abordar questões diretamente ligadas a fenômenos e a disputas no território urbano, alguns desafios se impõem: como representar o espaço, ou seja, produzir mapas (tomando agora a palavra em sua acepção convencional), sem que eles configurem decalques? Enquanto de um lado está o desejo de atuar nesses processos da maneira tão dinâmica e aberta quanto for possível, coloca-se também a necessidade constante de armazenar, sintetizar e apresentar informações espaciais de forma clara, concisa e de fácil compreensão por diferentes grupos.

À medida que atuamos, muitas vezes, ao lado de grupos que resistem ou se opõem às práticas urbanas hegemônicas, colocam-se outras questões importantes que temos buscado explorar, como já colocado no relatório da pesquisa “Cartografias Emergentes: a distribuição territorial da produção cultural em Belo Horizonte”:

Como mencionamos acima, as manifestações ativistas a serem incorporadas no mapa fogem à lógica do mercado e, mais do que isso, problematizam o seu funcionamento de maneira crítica. Dar a ver tais ações e criar condições para a sua inclusão no âmbito nas políticas culturais estatais, muitas delas baseadas no sistema de financiamento privado, não seria assim, uma forma de destituí-las, em maior ou menor grau, de sua potência? Cientes desse risco, e longe de uma resposta possível a tal questionamento, a aposta que fazemos se refere mais ao processo construtivo e analítico de tal cartografia que aos seus resultados indiretos. (RENA; SÁ; BRUZZI; QUINTÃO, *op. cit.*)

Figura 2- Página inicial da plataforma MapaCulturaBH, desenvolvida pelo grupo INDISCIPLINAR na pesquisa Cartografias Emergentes: a distribuição territorial da produção cultural em Belo Horizonte. Disponível em: <<http://culturabh.crowdmap.com>>.



Fonte: Indisciplinar

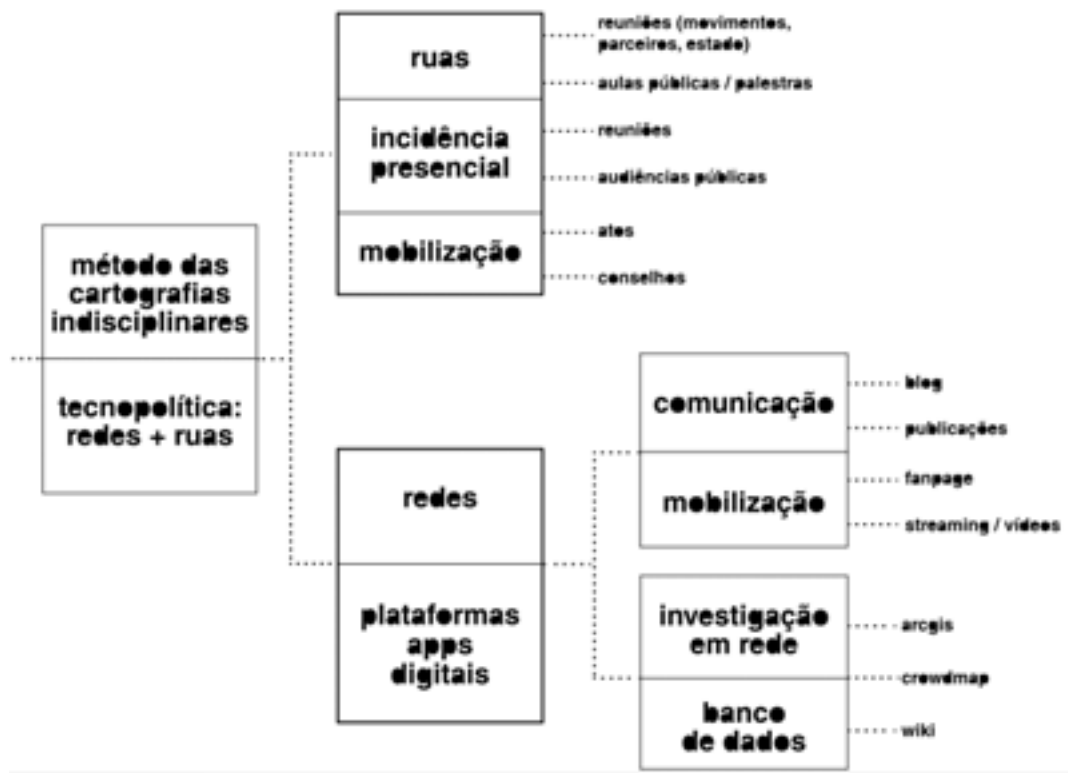
Essa reflexão foi crucial não apenas no projeto em questão, mas em vários outros nos quais trabalhamos com grupos sociais que confrontam políticas urbanas vigentes ou lançam mão de estratégias de desobediência civil, uma vez que há de se questionar se a visibilidade é ou não desejável para o fortalecimento e a continuidade de suas ações. É justamente nesse sentido que se revela a importância da atuação em rede com os diversos atores urbanos e a ruptura do distanciamento entre sujeito e objeto de investigação, uma vez que cabe a esses próprios atores a integrar a produção das cartografias, auxiliando a determinar as informações a serem tornadas públicas.

Retornando à questão de como cartografar sem estabilizar ou congelar os processos cartografados, cabe ressaltar que mesmo Deleuze e Guattari, ao definir mapa e decalque como categorias conceituais, não os concebem como entidades imiscíveis, separadas por uma oposição dualista, mas, ao contrário, ressaltam a necessidade de atravessamento e contágio constantes entre tais instâncias. Desse modo, é o trânsito entre um estágio e outro que determina a potência da cartografia como método que dá conta de agir sobre processos e de conformá-los, sem os destituir da fluidez ou da mobilidade necessárias para que se mantenham ativos.

Não é próprio do mapa poder ser decalcado? Não é próprio do rizoma cruzar as raízes, confundir-se às vezes com elas? [...] Mas o inverso é também verdadeiro, é uma questão de método: é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa. (DELEUZE; GUATTARI, *op. cit.*, V.I, p.22-23.)

Nesse sentido, o conceito de tecnopolítica proposto por Toret (2015), tem nos auxiliado a explorar os mapas (especialmente as cartografias digitais colaborativas) como ferramentas potentes de representação gráfica de processos em curso no território físico, sem perder a abertura, a performatividade e a indissociabilidade do que se passa nas ruas. Segundo Toret, a tecnopolítica é o uso tático de ferramentas digitais que tem como conceitos-chave a ação coletiva e o rebatimento entre as camadas físicas e digitais da realidade, por meio do que denomina “acontecimento aumentado” (*ibidem*). O diagrama abaixo ilustra como esse rebatimento ocorre nas ações do grupo Indisciplinar, não somente no que concerne à produção de mapas, mas em todas as dimensões de sua produção.

Figura 3- Diagrama ilustrando a articulação tecnopolítica das ações do Grupo Indisciplinar.



Fonte: Indisciplinar

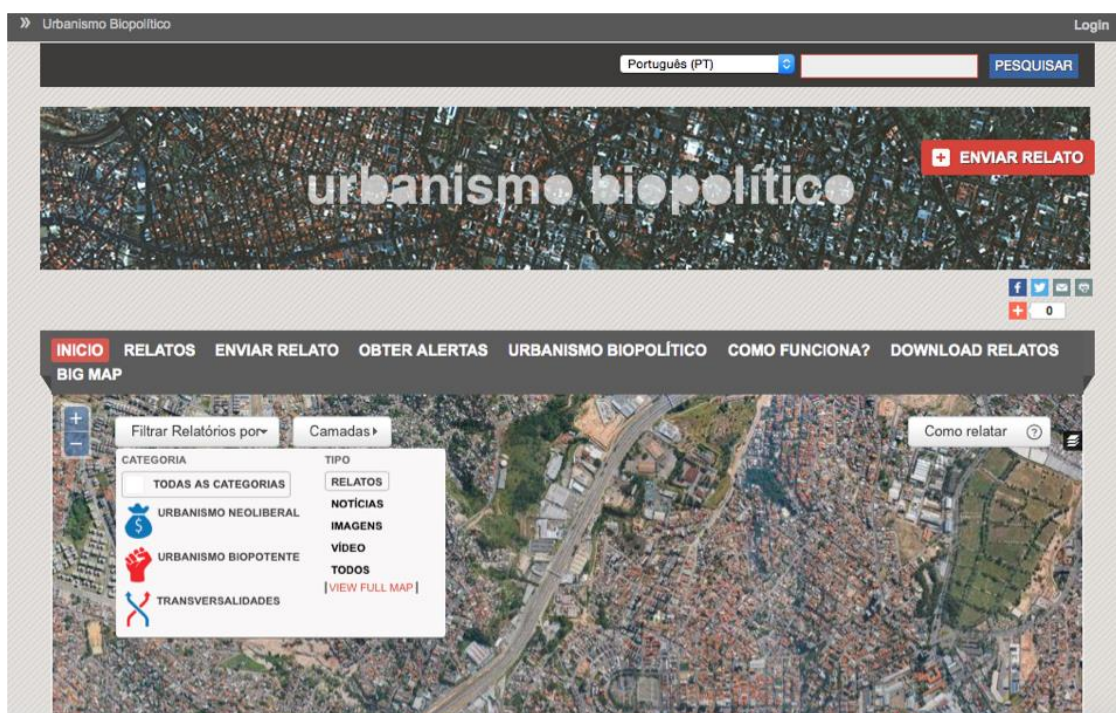
No artigo “Los Mapas del 15M: el arte de la cartografía de la multitud conectada”, Pablo de Soto (2014) analisa os mapas desenvolvidos pelo movimento cidadão espanhol 15M, demonstrando a importância das cartografias coletivas em rede para a articulação das pessoas no referido contexto, dividindo os mapas entre mapas de interpretação – mais voltados à construção de diagnósticos, de análises e à síntese de informações sobre uma determinada questão –, e mapas de potência, que atuam no sentido de mobilizar e organizar a população de maneira mais imediata para ações efetivas no território (eventos, manifestações etc.).

Também no caso dos mapas produzidos pelo Indisciplinar pode-se identificar essas duas vertentes, apesar dos mapas de interpretação apresentarem-se em maior número, devido ao

fato de sermos um grupo de pesquisa, ainda que ativista. Como mapa de potência, podemos destacar o crowdmap desenvolvido em parceria com o movimento Fica-Ficus no ano de 2013, uma das primeiras ações do grupo Indisciplinar. O mapa propunha denunciar, em tempo real, o corte de árvores na cidade, incentivando a população a se mobilizar para tentar impedir tais medidas, além de produzir um registro das podas no território de Belo Horizonte.

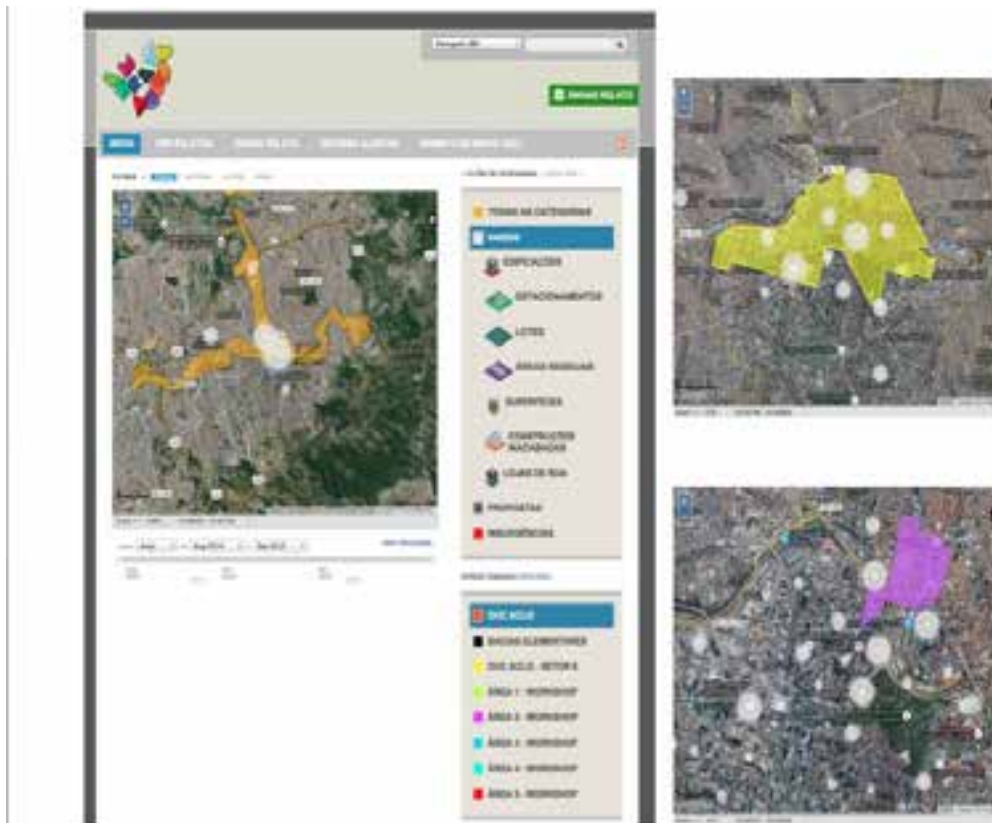
Dentre os exemplos que se aproximam mais do que Soto conceitua como mapas de interpretação, destacam-se, além do MapaCulturaBH já apresentado, [1] o mapeamento do urbanismo biopolítico, projeto em curso que visa cartografar tanto ações do que identificamos como urbanismo neoliberal – intervenções encabeçadas pelo Estado-capital regidas pelas lógicas de mercado e de valorização imobiliária –, quanto as resistências positivas e criativas que identificamos como biopotentes; [2] o mapa Em Breve Aqui, uma cartografia dos vazios urbanos na cidade de Belo Horizonte em suas diversas categorias; e [3] os mapas colaborativos desenvolvidos em workshops em parceria com Pablo de Soto para o Mapeando o Comum em BH.

Figura 4- Crowdmap Urbanismo Biopolítico [1]



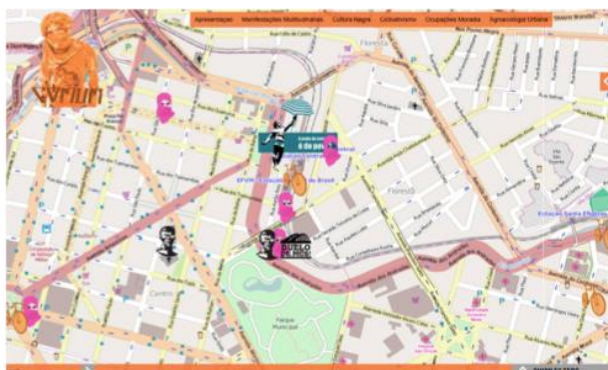
Fonte: Indisciplinar

Figura 5- Crowdmap Em Breve Aquí EBA [2]



Fonte: Indisciplinar

Figura 6- Mapas produzidos no workshop com Pablo de Soto Mapeando o comum em BH [3]



Fonte: Indisciplinar

Do ponto de vista das plataformas utilizadas, o Indisciplinar vem explorando diversas opções, como GoogleMaps, Mapas de Vista e o Crowdmap (Ushahidi), que tem sido mais utilizado nos projetos mais recentes. De um modo geral, temos feito a escolha de trabalhar com plataformas de código aberto e não corporativas (razão pela qual o Googlemaps foi deixado de lado na produção atual), em consonância com a proposta do grupo de desenvolver tecnologia social aberta e colaborativa. O Crowdmap tem sido bastante utilizado, especialmente devido à possibilidade de se aliar as postagens no mapa ao preenchimento de questionários que nos trazem uma série de informações essenciais às pesquisas. Recentemente, contudo, temos começado a investigar alternativas que nos permitam aliar as ferramentas de mapeamento à elaboração de cronologias, proporcionando um caráter mais narrativo às cartografias. Essa discussão nos leva ao segundo eixo de desenvolvimento dos projetos: eixo temporal.

2.1.2 Eixo II - temporal

A dimensão temporal de nossos projetos de pesquisa é explorada por meio da produção de linhas-do-tempo, ou seja, diagramas que nos permitem organizar cronologicamente os eventos cartografados, classificando-os a partir de seu conteúdo como ações de produção do espaço mais ligadas aos poderes instituídos e aos interesses de grandes grupos e corporações, como ações de resistência, constituintes de espaços comuns, ou como transversalidades.

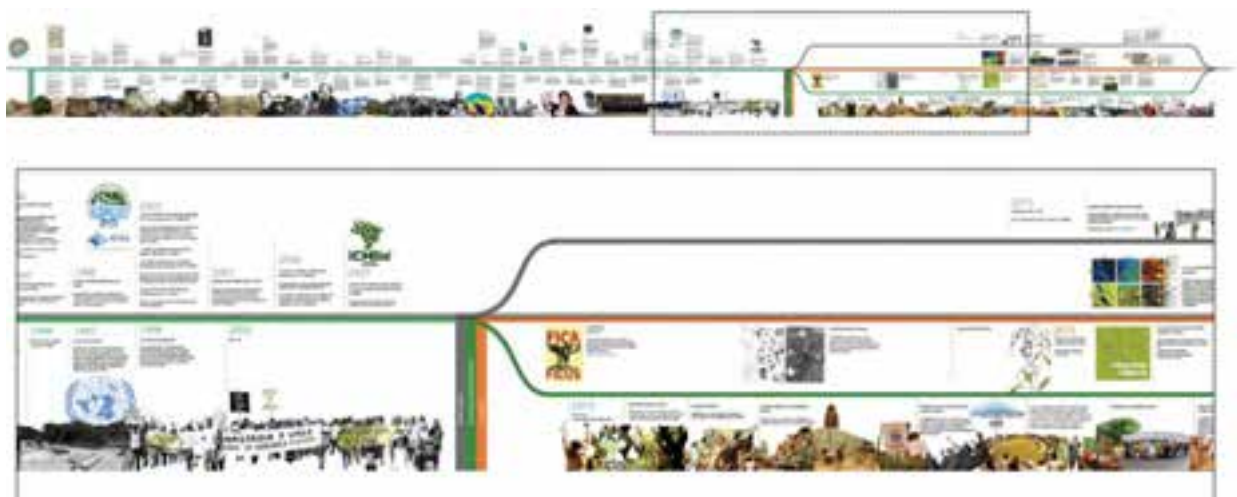
As linhas-do-tempo têm se apresentado como um potente recurso gráfico que auxilia na condução das análises do grupo e desempenha um papel importante no sentido de sintetizar e transmitir informação aos mais diversos públicos nas publicações e peças gráficas a respeito dos projetos (posters-cartilhas, livros, revistas, apresentações em eventos

científicos etc.). No entanto, permanece ainda o desejo de conseguir produzi-las de maneira mais dinâmica e interativa, de modo que possam funcionar como ferramentas de processo assim como o são os mapas online (de preferência, podendo ser construídas junto a eles em uma plataforma única).

Uma experiência que consideramos especialmente positiva ocorreu com a participação do Grupo Indisciplinar na exposição Cartografias do Comum. O evento ocorreu na época da Copa do Mundo de futebol de 2014. Ao invés de conformar um suporte ao megaevento esportivo, contudo, como aconteceu com quase todo o circuito cultural oficial naquele momento, a mostra, organizada a partir de uma curadoria horizontal e colaborativa, dedicou-se a cartografar os múltiplos processos de produção do comum na cidade de Belo Horizonte. Nesse contexto foi produzido o “Atlas das Insurgências Multitudinárias”, uma combinação de mapa e linha do tempo físicos que foram preenchidos gradativamente a partir das contribuições dos visitantes da exposição.

A possibilidade de se produzir mais atlas colaborativos é um dos focos centrais do desenvolvimento do método do Indisciplinar atualmente, no que diz respeito ao aperfeiçoamento das ferramentas digitais a serem utilizadas.

Figura 7- Linha do tempo do projeto Natureza Urbana



Fonte: Indisciplinar

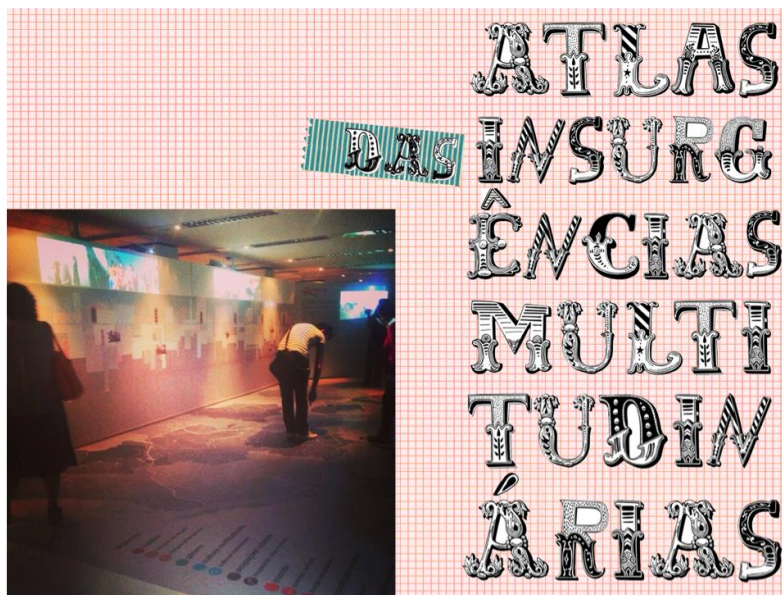
Figura 8- Linha do tempo da cartografia da cultura





Fonte: Indisciplinar

Figura 9- Atlas das Insurgências Multitudinárias



Fonte: Indisciplinar

Figura 10- Atlas das Insurgências Multitudinárias



Fonte: Indisciplinar

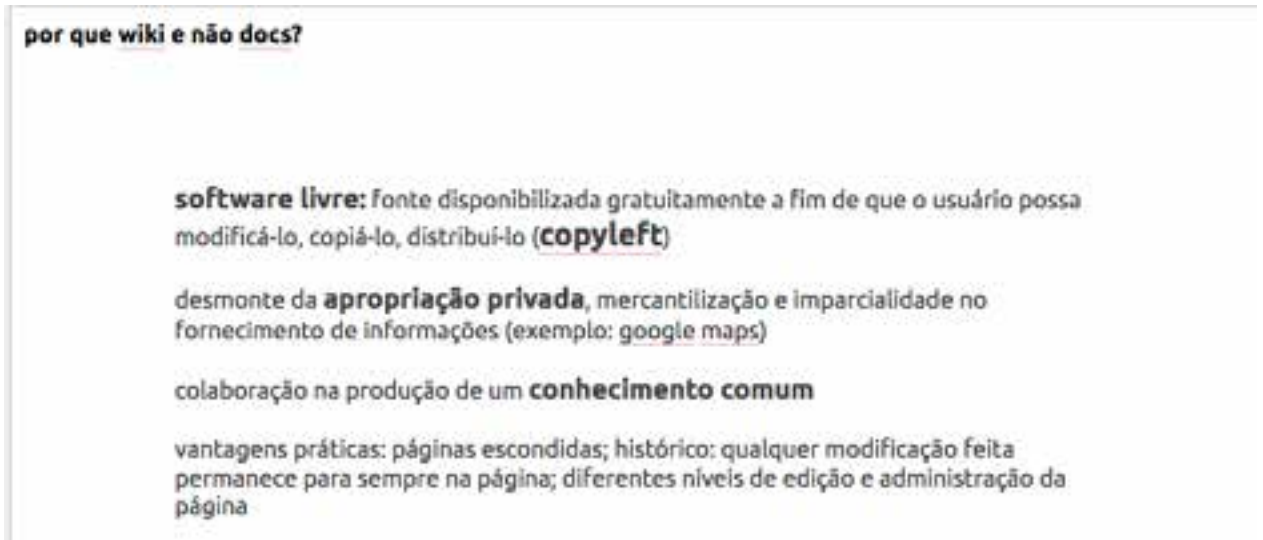
2.1.3 Eixo III – Conceitual e Informacional

O que identificamos como eixo conceitual e informacional de nosso processo são os procedimentos utilizados para produzir bancos de dados, registrar atividades e organizar referências relacionadas aos nossos projetos. Como em toda a produção do grupo, propõe-se que o conhecimento seja construído de forma coletiva e colaborativa. Temos apostado, portanto, na criação de páginas Wiki como principal ferramenta de organização das informações.

No que concerne à produção colaborativa de conteúdo, as páginas Wiki inauguram um novo modelo, tendo como principal expoente a enciclopédia online Wikipédia. O projeto se baseia na ideia de que qualquer internauta possa contribuir para os verbetes e tornar-se um colaborador, rompendo com as noções tradicionais de autoria. Em sua discussão sobre o trabalho artesanal, ao qual associa sistemas como a Wikipédia, Sennett aponta os desafios e as contradições que vêm à tona com os procedimentos propostos pelo site, questionando: “como promover a coexistência da qualidade do conhecimento com as trocas livres e igualitárias numa comunidade”? Apesar do aparente caráter caótico inerente ao processo, existem mecanismos voltados a verificar edições impróprias e atos de vandalismo, buscando tornar o conteúdo mais confiável. Carlos D’Andréa examina os recursos da plataforma e demonstra tratar-se de um dispositivo mais sofisticado do que se costuma supor. (SÁ, 2015, p. 75-76)

Poderia se argumentar que outras plataformas, como o GoogleDocs, também possibilitam a produção coletiva de textos e documentos, mas a opção pela wiki se dá, sobretudo, pelas razões ilustradas abaixo:

Figura 11- Slide de apresentação do Indisciplinar sobre Tecnopolíticas



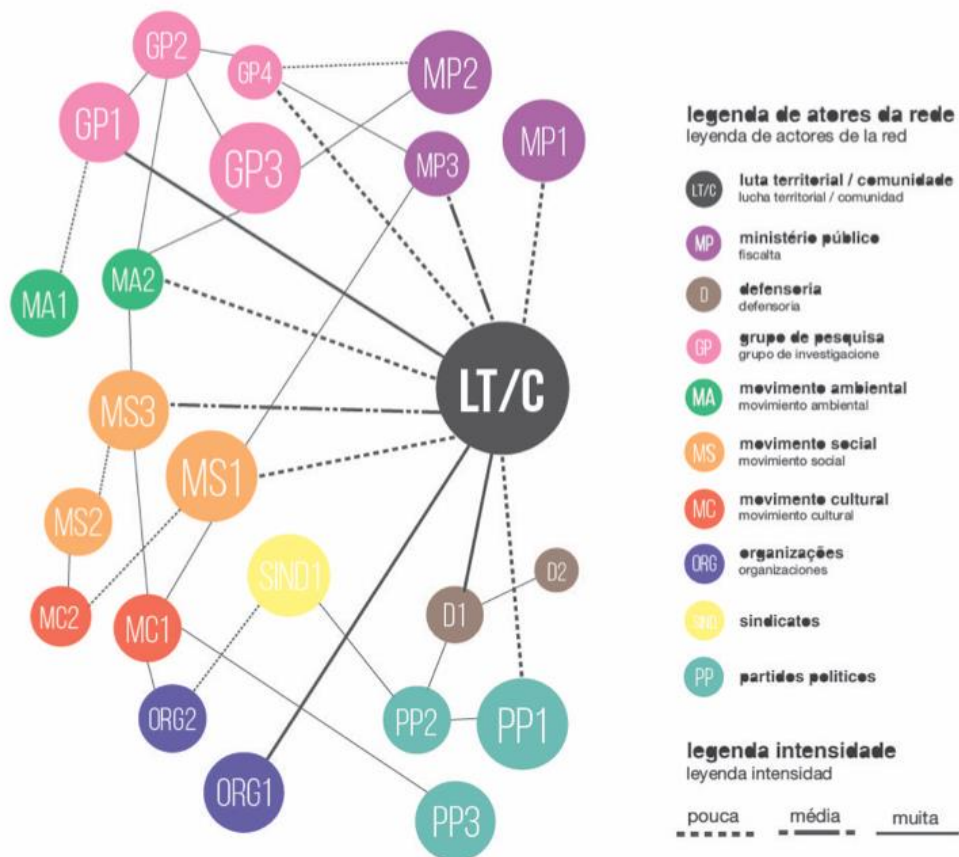
Fonte: Indisciplinar

2.1.4 Eixo IV – Comunicacional – Formação de redes

Uma das principais características do Grupo Indisciplinar é sua capacidade de formação de redes e de mobilização de vários atores envolvidos na produção do espaço urbano: movimentos sociais, instituições, ativistas urbanos, coletivos artísticos, outros grupos acadêmicos, associações de bairro etc. A comunicação e a divulgação do nosso trabalho constituem, portanto, uma frente importantíssima, presente em todos os projetos e ações que organizamos.

Figura 12- Diagrama genérico apresentando as redes formadas em cada projeto / luta territorial de que o Indisciplinar participa, os múltiplos atores articulados por elas e as intensidades de conexões entre eles.

indisciplinar / rede de lutas territoriais / resistência
indisciplinar / red de luchas territoriales / resistencia



Fonte: Indisciplinar

O processo de formação de redes e de comunicação do Indisciplinar se utiliza, sobretudo, do blog do grupo, de fanpages e eventos em redes sociais, da transmissão ao vivo por meio de streaming. Nas ações de divulgação o grupo lança mão deliberadamente do uso intensivo de plataformas corporativas, como o Facebook e o Bambuser, não no sentido de contradizer a postura de privilegiar a tecnologia de código aberto e defender a livre disseminação do conhecimento, mas sim de maneira tática buscando a maior visibilidade e repercussão possíveis para nossos projetos. Dessa maneira, aproxima-se do que Toret defende como um uso tecnopolítico de ferramentas proprietárias, interessando mais a subversão de seu funcionamento padrão a articulação com outros dispositivos abertos.

Falar em termos de “revolução do Facebook ou do Twitter” arrebataria a centralidade da vida nessas redes, o uso interplataforma ou multicapa que vêm apresentando os fluxos de comunicação, mas, acima de tudo, situa-se a importância do uso inteligente, político e estratégico que os usuários fizeram delas. A ênfase do nosso trabalho é voltada à sabedoria da multidão conectada e à criação de usos inovadores e certos das plataformas online para a organização coletiva. (TORET, *op. cit.*)

O processo de formação de redes e de comunicação do Indisciplinar se utiliza, sobretudo, do blog do grupo, de fanpages e eventos em redes sociais, da transmissão ao vivo por meio de streaming. Nas ações de divulgação o grupo lança mão deliberadamente do uso intensivo de plataformas corporativas, como o Facebook e o Bambuser, não no sentido de contradizer a postura de privilegiar a tecnologia de código aberto e defender a livre

disseminação do conhecimento, mas sim de maneira tática buscando a maior visibilidade e repercussão possíveis para nossos projetos. Dessa maneira, aproxima-se do que Toret defende como um uso tecnopolítico de ferramentas proprietárias, interessando mais a subversão de seu funcionamento padrão a articulação com outros dispositivos abertos.

Figura 13- Exemplo de Fanpage de projeto do Indisciplinar e ferramentas utilizadas para análise das ações de comunicação e formação de redes: contagem de curtidas, cliques e visualizações e produção de topologias de redes.



Fonte: Indisciplinar

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado anteriormente, as atividades dos últimos anos do Grupo Indisciplinar possibilitaram a elaboração de um método próprio, que explora de forma tática uma série de dispositivos tecnopolíticos conectados em rede, os articulando com a ação direta no território por meio de parceria com diversos setores da sociedade, eventos acadêmicos, workshops, incidência jurídica, ensino e extensão (redes+ruas).

Nesse momento, nos encontramos porém, em um estágio de revisão e aperfeiçoamento do método desenvolvido, seja por meio da análise das experiências prévias, ou pelas possibilidades trazidas com a ampliação e o reconhecimento institucional do grupo que permitem a formação constante de novas parcerias, assim como a exploração de recursos anteriormente indisponíveis.

No que diz respeito à análise das pesquisas realizadas até o momento, estamos iniciando a aplicação de entrevistas com os investigadores e coordenadores dos projetos no intuito de entender as principais potencialidades e os maiores obstáculos encontrados na utilização de cada ferramenta adotada. O objetivo das entrevistas é identificar as funcionalidades mais importantes de cada plataforma, suas deficiências, e as necessidades de conexão entre plataformas, para dar início ao desenho de uma interface própria que integre e sobreponha os diversos eixos de trabalho aqui descritos, tornando os procedimentos de investigação cartográfica mais intuitivos e evitando o retrabalho e a perda de informações.

A hipótese da criação de tal plataforma se dá em um momento que o Indisciplinar se consolida como instituição de pesquisa nos âmbitos nacional e internacional. Em Maio de 2016, torna-se sede do INCT Tecnopolíticas - Territórios Urbanos e Redes Digitais, coordenado pela Profa. Natacha Rena, (recentemente aprovado na Chamada INCT - MCTI/CNPq/CAPES/FAPs nº 16/2014), uma rede de laboratórios e grupos de pesquisa que abrange oito universidades brasileiras (UFMG, PUC-MG, UFOP, UFRJ, UFF, USP, FAAP, UNILA e UFES), além de importantes parceiros internacionais como MediaLab Prado, IN3 - Internet Indisciplinary Institute, Peer to Peer Foundation, Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, dentre outros. Em Junho do mesmo ano, é aprovado também o financiamento do projeto “The Biopolitical Urban Platform: a Cartography of Territorial Conflicts and Struggles” pela Ford Foundation, firmando a cooperação com grupos nacionais de referência como o LabCidade da USP, coordenado por Raquel Rolnik, e o IPPUR (Instituto de Pesquisa em Políticas Urbanas), no Rio de Janeiro. Finalmente, a pesquisa de pós-doutorado da Profa. Natacha Rena em curso na Universidad de Sevilla, sob a orientação do Prof. José Perez de Lama, tem possibilitado a formação de parcerias com laboratórios e organizações como o FabLab Sevilla e o OpenStreetMap. Dessa forma, ampliam-se também as possibilidades de atuação do Indisciplinar, sua capacidade de produzir tecnologia social e de absorver novos colaboradores de diversas áreas (como programadores, hackers, designers de interface, etc.). Acreditamos que essa recente expansão nos permitirá não somente aperfeiçoar nossos processos e nossas ferramentas, mas também potencializar nossa contribuição para outros grupos e pesquisadores, no sentido de gerar conhecimento e tecnologia aberta voltados à produção do espaço urbano que possa ser replicada e reutilizada de diversas formas.

4. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio dos nossos programas e projetos; ao PRPq e ao PROEX da UFMG; à Fapemig; ao CNPq; à Ford Foundation e ao IFMG Campus Santa Luzia. Agradecemos também a todos os pesquisadores do Indisciplinar que tornam todos os nossos trabalhos coletivos e estão presentes em nossas cartografias de múltiplos modos.

BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 5 vol.. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Commonwealth*: el proyecto de una revolución del común. Madrid: Akai, 2009.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social*: an introduction to actor-network-theory. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- RENA; SÁ; BRUZZI; QUINTÃO. *Cartografias Emergentes e Cultura*: relatório da pesquisa Cartografias Emergentes: a distribuição territorial da produção cultural em Belo Horizonte. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B7X1-JNexXRaU3pJOVdaRUhLR0U/view>>. Acesso em: 28 Mai, 2016.
- SÁ, Ana Isabel. *Urbanismo entre pares: cidade e tecnopolítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- SOTO, Pablo. *Los Mapas del 15M: el arte de la cartografía de la multitud conectada*. Disponível em: <<http://tecnopolitica.net/content/los-mapas-del-15m-el-arte-de-la-cartogra%C3%ADa-de-la-multitud-conectada>>. Acesso em: 22 set. 2015.
- TORET; @DATAANALISYS15M. *Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas*. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuída. IN3 Working Paper Series. Disponível em: <<http://in3wps.uoc.edu/index.php/in3-working-paper-series/article/view/1878>>. Acesso em: 10 Mai. 2015.